

Walter Lohrmann

**Fruto e Dons do
Espírito Santo**

Editora União Cristã
São Bento do Sul - SC
2008

mas são mencionados intérpretes desconhecidos da Escritura: "O único fruto divino é o amor/ os outros são somente as irradiações".³³ Mais objetiva é a observação na passagem em que Paulo reflete minuciosamente sobre a relação entre amor e dons do Espírito - ICo 13. Nesse capítulo/ alguns frutos parciais eminentes/ a saber/ a alegria/ a longanimidade/ bondade e fé/ são expressamente qualificados como características de *ágape*, sendo mencionados não apenas na forma de substantivos/ mas também na forma verbal. Por outro lado/ essa intersecção e concordância permitem que em ICo 13 se fale de modo legítimo da mais detalhada e clara discussão sobre o inter-relacionamento de "fruto e dons do Espírito" em relação à palavra "amor"/ mesmo que Paulo/ ao usar a expressão "amor"/ não fale expressamente de "fruto do Espírito".

2.5 Os Frutos Parciais em Pormenores³⁴

2.5.1 Amor (*ágape*)

Enquanto no Antigo Testamento o amor ao próximo e a Deus é essencialmente mandamento/ lei/ portanto obrigação imposta (Lv 19.18/34; Dt 6.5)/ a encarnação de Jesus a partir da profundidade do amor de Deus modifica tudo (Jo 3.16). Como nunca antes/ torna-se evidente a inconcebível inclinação miseri-

³³ Em K. KOCH, *Die Geistesgaben* (Os dons espirituais). Lavai (Canadá), pág. 62.

³⁴ Veja a nota n.31.

cordiosa de Deus no envio e na entrega do Filho/ em sua obediência até ao sofrimento na cruz em favor de pessoas perdidas. Esse amor vale para pessoas nas quais não há nada amável, mas que são bloqueadas por seu egocentrismo e incapazes por natureza de retribuir o amor de Deus/ menos ainda de passá-lo adiante de presente.

Como se sabe, o Novo Testamento tomou a palavra *ágape* para designar este poder do amor de Deus totalmente novo, que assumiu forma num ser humano. O termo *ágape* já se havia destacado na tradução do Antigo Testamento da Septuaginta como reprodução de *ahaba*. Com isso foi introduzido um conceito que, no uso linguístico grego pré-bíblico, era de significado vago, "quase totalmente ausente"³⁵ como substantivo. Caso bem diferente de *eros* - o amor apaixonado, instintivo e embriagante, em todos os casos, cobiçando para si -/ ou *philia*, a afeição solícita que busca a amizade.

O amor de Jesus é o único que está interessado somente em presentear, não em tomar. Quem o experimenta, este tem que engajar seu coração. Pois é capacitado a tratar inclusive inimigos segundo essa atitude. E com "inimigos" entenda-se pessoas que não conseguem corresponder um amor infatigável com amor, mas apenas com ódio e tramóias. Aqui vale a expressão: "as pessoas sem Cristo, no final das contas, só podem amar de forma egocêntrica.

³⁵ E. STAUFFER, no ThWzNT I (Dicionário de Teologia do Novo Testamento, editado por G. KITTEL), 1933, pág. 37.

O Fruto do Espírito

Quem aceita o amor firme de Jesus tem à disposição uma fonte de força, cujo poder seu Senhor demonstra justamente na investida de sua *ágape* contra os poderes do desamor".

Este amor, que não pode ser produzido por nenhum método ou truque psicológico, é a força motora para todo empenho missionário e diaconal frutífero no mundo (ICo 5.14ss). Esse importante fruto parcial do Espírito Santo é o distintivo inconfundível de fraternidade genuína (IJo 3.10). No capítulo 4 examinaremos, em seus pormenores, a relação multiforme em que esse amor, como o "mais belo bago" do fruto do Espírito - e assim todo o fruto do Espírito! -, encontra-se com os dons do Espírito.³⁶ Em ICo 13, servem para esta comparação os versículos 1-3 e 8-13, enquanto os versículos 4-7 descrevem a natureza e as maneiras de procedimento do amor *ágape*, produzido espiritualmente, no trecho que se poderia chamar de "Cântico dos cânticos do amor". Destes nos ocuparemos agora.

As duas primeiras definições - *O amor é paciente, é benigno* (v. 4) - podem ser compreendidas como lema e título, sendo evidente o pano de fundo da situação de Corinto: "O contraste básico em que Paulo vê o amor está relacionado à uma vontade egoísta e à soberba que nasce da posse do conhecimen-

³⁶ O amor, propriamente, não é um carisma. Não é nem mesmo "o dom supremo", como consta no título colocado acima do capítulo 13 de ICo, na tradução de Almeida (ARA). Essa compreensão é impossível a partir do plural *charismata* em ICo 12.31a!

to".³⁷ Já foi mencionado que/ segundo o conteúdo, "paciente" e "benigno" são idênticos com dois outros importantes frutos parciais de Gl 5.22.

O crente sempre de novo é tentado *por meio de si mesmo*. Entretanto/ o amor de Jesus é uma força preservadora. Em contraste com o *eros* humano/ *ágape* não se deixa levar por ondas de paixão/ não cai em nenhum exagero jactancioso/ em ofensa leviana e indolente e fanfarronice que se vangloria. Em suma: ela não é movida por egoísmo.

O crente também é tentado *pelo companheiro, pelo seu próximo*. O amor de Jesus/ no entanto/ tem uma força vencedora. *Ágape* não se deixa exasperar/ não se ressentido do mal e não fica à espreita com alegria maliciosa/ à espera de que o outro seja apanhado na injustiça. Em resumo: ela se alegra quando a verdade vem à luz.

E o crente também é tentado pelo "Deus oculto".³⁸ Mas *ágape* suporta caminhos obscuros e cargas pesadas/ renuncia à rebelião/ vence a dúvida pela fé que se arrisca/ e espera também contra aquilo que parece estranho na natureza de Deus. Sim/ ela so-

³⁷ H. D. WENDLAND/ volume 7 da série NTD (Comentários do Novo Testamento em Alemão), 1968, p.120.

³⁸ Aqui podemos pensar naquilo que Lutero denominou de obra "própria" e obra "alheia" de Deus. K. D. Schmidt explicou da seguinte forma o "deus *absconditus*" ("Deus oculto") da teologia de Lutero: "O amor é *proprium opus Dei* (obra própria de Deus). Mas esse amor oculta-se atrás da *opus alienum* (obra alheia), a ira. E isso não é só aparência. Deus se ira mesmo. Mas é também, realmente, a ira do amor". *Grundriss der Kirchengeschichte* (Compêndio de História da Igreja), Göttingen, 1952, vol. III, pág. 300.

brevive a todas as tentações.

Com este último enunciado (v. 7) é feita referência evidente àquilo que é conduzido ao apogeu no último versículo deste capítulo 13: *Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três: porém o maior destes é o amor. O amor é/ antes de tudo/ o que permanecerá atualmente e na eternidade.*

Na continuação da análise (4.3)/ ocupar-nos-á -à semelhança de ICo 13/ bem como em vista de Rm 12 e IPe 4-/ a forma de inter-relacionamento de carismas e amor como o verdadeiro representante do Fruto do Espírito Santo. No conjunto deste capítulo/ trata-se de determinar o conteúdo do amor de Jesus nestas passagens:

Em Rm 12.9ss/ Paulo não descreve a *ágape* em sua qualidade e potência fundamental presenteada por Deus/ como em ICo 13/ mas a emprega de forma aplicada/ numa "série parenética de provérbios".³⁹ No v. 9/ Paulo introduz a combinação programática do par de contrastes "o bem - o mal". E essa combinação Paulo mantém/ com peso diferenciado/ em relação prática muito ampla/ até o fim do trecho (v. 12)/ e ainda a desenvolve no cap. 13.8-14. Com essa combinação/ destaca-se especialmente o elemento ético: ele determina o agir da comunidade dirigida pelo Espírito (v. 11!) no relacionamento de uns com os outros e para com os não-cristãos/ sob as condições de um ambiente opressor/ ao qual ela não deve ficar devendo o sinal particular de *ágape* -

dedicação imerecida, superadora também do inimigo, em lugar do princípio da vingança.

Igualmente em 1 Pedro a parênese é determinada pelo pano de fundo de uma situação de perseguição (capítulos 3 e 4). A comunidade, como comunhão de serviço dos que foram agraciados com os dons do Espírito, é desafiada a comprovar a *ágape* como "amor afetivo" (1Pe 4.9s) especialmente no perdão mútuo, para que o grupo de crentes viva de modo fidedigno sob o sinal da esperança escatológica.

2.5.2 Alegria (*chara*)

Amor que brota do Espírito guarda o cristão de contentar-se com prazeres baratos e com entusiasmo elevado e sentimental, assim perdendo-se na embriaguez de pseudo-alegria (Lc 16.19; IJo 2.17), ou até permitindo que a alegria verdadeira se perverta em alegria maliciosa (Mc 14.11; Pv 24.27). Não obstante, *chara* - como no caso de Zaqueu (Lc 19.6!) - também é alegria transbordante. Contudo, é alegria sobriamente clara, e, como tal, sinal da intervenção reconciliadora e criadora de Deus. Mas também é razão genuína de ser da vida nova e poder formador da fraternidade (2Co 1.14; Rm 12.14). A *ágape* de Cristo é premissa e possibilidade de alegria não-turbada, perfeita, imperecível (Jo 15.9-11; Jo 16.22). Ela é força revolucionária que mesmo no sofrimento não precisa deixar-se derrotar (2Co 7.4; 1Pe 4.13; Hb 10.34).

2.5.3. Paz (*eirene*)

Esse fruto parcial do Espírito comprova de modo especialmente claro que, em tudo que Deus permite que cresça e amadureça, não se trata de qualidades humanas elevadas, não de virtudes purificadas, mas de algo completamente novo. Jesus afirma que não veio trazer paz (Mt 10.34) - pelo menos, não uma que seja podre, frágil ou instável. A paz que Jesus dá não é como a deste mundo (Jo 14.27; Fp 4.7). Quer dizer, não é paz apenas na aparência, em que as armas estão silenciosas e não existem lutas evidentes, mas que, no fundo, é uma paz repleta de desarmonia e conflitos. O alvo do amor transformador de Deus é, justamente, a discórdia intranquila da pessoa consigo mesma, bem como entre as pessoas, tanto em coisas insignificantes como importantes.

Quem se deixa convencer pelo Espírito Santo (Jo 16.8), quem confessa sua falta de paz como pecado, será presenteado com amparo cheio de paz. Aí essa pessoa pode permitir que tal paz (*schaiom* em hebraico), que veio com Jesus e que tudo abrange, tome-se eficaz, levando-a para dentro do mundo de modo convincente, com ímpeto missionário (Hb 12.14; Rm 12.18), na medida em que a própria fraternidade enviada dos discípulos de Jesus está impregnada dessa paz. Assim, em determinado ponto, neste mundo do qual a paz foi tirada, toma-se visível o que um dia encherá completamente o novo mundo de Deus (Ap 21 e 22).

2.5.4 Longanimidade (*makrothymía*)

Amor paciente e paciência que ama (ICo 13.4) é algo diferente do que serenidade indolente treinada/ por trás da qual ainda se esconde inquietude interior ou indulgência bondosa. Quem não conhece o Deus Todo-poderoso e eterno, crê ter que aproveitar a oportunidade e agarrar o visível. Tal pessoa não tem fôlego, nenhuma capacidade real de suportar cargas ou situações difíceis, não tem persistência diante de pessoas teimosas, que lhe são completa-mente estranhas, ou diante de circunstâncias adversas.

Mas, através de seu Espírito, Deus quer dar-nos participação em sua longanimidade (Ex 34.6; 1Pe 3.20). Ela é prova imerecida da graça, que conduz à conversão (Rrn 2.4; 1 Tm 1.16). Ela se toma re-conhecível no processo da santificação (Cl 3.12) sob a intercessão dos irmãos (Cl 1.11) e é, com isso, legitimação de comunhão de serviço vivida (Tg 5.10; 2Co 6.6). E ela é tanto ação missionária (ITs 5.14) como também fator formador da fraternidade (2Tm 4.2). Quem recai no egoísmo, perderá com a *ágape* também a longanimidade e desperdiçará a salvação (Mt 18.26-30).

2.5.5 Benignidade (*chrestotes*)

Benignidade humana dificilmente desencadeia a cordialidade calorosa, porque é frequentemente exagerada e interesseira, em casos extremos até servil. Mas ela depende - como *eros* e *philia* - sempre de reciprocidade, de resposta e, dessa maneira, se-

gundo as palavras de Jesus, é característica dos gentios. A dedicação altruísta lhe é estranha.

Entretanto, a benignidade perseverante que jorra fresca da fonte, concedida por Deus, essa possui, bem no fundo, uma força contagiante que torna a pessoa feliz, porque é genuína. Ela é mensagem alegre, amor concretizado (Tt 3.4-6; IPe 2.3). Ela amadurece através de fracassos, de arrependimento, de correção fraternal e agradecimento e louvor lá onde também a *ágape* tem seu domicílio (ICo 13.4!): na comunhão dos reconciliados (Cl 3.12; Ef 4.32; 2Co 6.4-6).

2.5.6 Bondade (*agathosyne*)

Bondade, como fruto parcial do Espírito, reaparece como tal também em Ef 5.9 (respectivamente, como "fruto da luz")⁴⁰/ ali, inclusive, em primeiro lugar. Desde que o ser humano - originalmente criado "muito bom" (Gn 1.25b, 31) - se revoltou contra o Criador, desperdiçando com isso a bondade de Deus, ele é profundamente "mau" (Gn 8.2; Lc 11.13;

Rm 7.18ss; 3.12ss) - inclusive no caso de integridade moral segundo critérios humanos. Com tal diagnóstico sem "enfeites", a Palavra de Deus se opõe a todas as religiões e sistemas filosóficos de valores que crêem que existe bem inerente ao ser humano. As religiões e sistemas, assim, acabam só considerando sua fachada. A Bíblia, nem sequer por um instante, considera o ser humano pecaminoso suscetí-

⁴⁰ Veja nota n.19.

Fruto e Dons do Espírito Santo

vel de melhora. Por outro lado, ela o julga digno de ser renovado através do Espírito de Deus! Mesmo antes de o ser humano reconhecer a bondade incomensurável de Deus, há muito tempo Deus previu ações realmente boas para ele (Ef 2.10s.), ações estas que se tornam fato concreto com o novo nascimento e a nova vida. O "solo fértil" para a "frutificação por meio de toda espécie de boa ação" (Cl 1.10) é a mentalidade renovada da bondade (cf. Rm 15.14). O próximo é contemplado com generosidade magnânima e liberal.

Quando Ef 5.9 associa este fruto parcial do Espírito à "justiça" e "verdade", é impossível surgir o equívoco de que tal "bondade" pudesse ser confundida com complacência aleijada. Cristãos de caráter espiritual são capacitados para desmascarar o que teme a luz. Bondade não mais seria bondade se quisesse ser falsa ou injusta. Veracidade e justiça degenerariam para dureza legalista e negariam a *ágape* (cf. Ef 5.1ss), se não viessem acompanhadas da bondade de Deus. Que bom que discípulos de Jesus estão libertados de ter que reagir indignados moralmente! Eles não precisam mais retribuir o mal com mal, mas podem vencê-lo fazendo o bem (Rm 12.21; cf. Rm 15.14; 2Ts 1.11).

2.5.7 Confiança, fidelidade (*pistis*)

Pistis é o único termo que Paulo utiliza tanto para referir-se ao fruto do Espírito, em Gl 5 (e ICo 13.13!), como também para designar dom do Espírito, em ICo 12.9 e 13.2. Essa classificação diferente

também sinaliza um acento diferente no significado (3.5.8). No fruto do Espírito, trata-se da fidelidade possível somente para o crente, originada a partir da superação e purificação da desconfiança original (Gn 3.1) - (traduzir *pistis* por fé torna Gl 5.22 demasiadamente geral).

Deus provou sua inquestionável fidelidade para com pessoas desleais como nós (ITs 5.24; 2Ts 3.3; 2Tm 3.13). O crucificado e ressurreto é a garantia para essa fidelidade.

Ela também estabelece um novo relacionamento entre os crentes. Num desenvolvimento crescente, agora é possível, em ingenuidade infantil, correr o risco da confiança ousada e da fidelidade cativante, apesar de decepções e recaídas. Quem já contemplou o abismo da maldade de seu próprio coração, ou antes, o "abismo da misericórdia de Deus", tal pessoa não pode mais se elevar acima de outros. Esta não mais constrói sobre propósitos próprios e é capaz de, em confiança na *ágape* de Deus, persistir no relacionamento com outros em confiança. Essa pessoa é capaz de perdoar como foi perdoada (Ef 4.32).

2.5.8 Mansidão (*praytes*)

Esse fruto parcial nada tem a ver com submissão piedosa, sujeição servil ou impassividade filosófica. Pelo contrário, ele é a força para vencer o mecanismo de reação da violência retaliadora, da mania arrogante de sempre ter razão, da teimosia presunçosa e egoísmo não superado. Portanto, mansi-

dão não é uma simples aceitação serena e superior, nem um aguentar covarde e sentimental, mas uma atitude ativa, corajosa, que renuncia às regras da vingança e da pretensão de sempre ter razão, e, em lugar de coação e ira, de amargura e estado de irritação, é capaz de empregar amor sofredor como sinal de vitória do novo mundo vindouro de Deus. "Somente quando possuímos *praytes*, podemos... admoestar sem amargura, discutir sem intolerância, somente então podemos suportar a verdade sem indignação, irar-nos sem pecar, ser mansos e, contudo, não ser fracos". "*Praytes* é a atitude que faz da crítica um estímulo, e não algo aterrador, um recurso que desperta nova esperança e preserva do desespero" .⁴¹

O próprio Jesus, que tinha a seu favor o direito e o poder do Messias, mas escolheu o caminho da humilhação, é o protótipo e modelo da mansidão (Mt 11.29; 21.5). Ele transforma à sua imagem os que crêem (2Co 3.18), portanto, dá-lhes parte em sua natureza. Agora eles podem empregar "mansidão" como meio de amor reconciliador e misericórdia convincente para com o irmão, em contraste com a arte de seduzir de Satanás (2Tm 2.26), em face do deslize do irmão na fé (Gl 6.1) e da queixa de irmão para irmão (Cl 3.13). Mas, além disso, a mansidão também é uma arma espiritual decisiva de estratégia missionária "perante todas as pessoas", para elas um testemunho de ação inesperada e

⁴¹ William BARCLAY, *loc.cit.*, p.100 e 98.

inatingível (IPe 3.15/16; Tt 3.2). *Praytes é inconcebível sem ágape.*

2.5.9 Força para a renúncia (*enkrateia*)

O radical grego deste "último e mais pesado"⁴² nono bago no cacho significa "domínio", "poder". Qualquer tradução formulada apenas negativamente (temperança, abstinência, ascese, e igualmente jejum e castidade) é, portanto, erro de princípio, ou demasiadamente restrita.⁴³

Também neste traço do caráter de pessoas espirituais, Cristo mesmo é o protótipo: ele renunciou o ser igual a Deus (Fp 2.7). Em livre renúncia à glória celestial e em auto-entrega espontânea, ele tomou sobre si a morte, por amor de nós, pecadores. Agora faz crescer na vida dos crentes aquilo que nele mesmo foi a expressão do mais profundo amor: a liberdade de não impor algo seu, próprio. Sim, ele concede a força para escapar de vícios e caprichos escravizadores. Autodisciplina descontraída substitui o cetro desastroso do egoísmo. Justamente hoje, numa época em que imperam os sentidos e o consumo, cristãos agraciados espiritualmente podem tornar visível a liberdade de Jesus não se deixando

⁴² Segundo W. de BOOR, *loc.cit.*, P.27.

⁴³ As versões portuguesas não correm este risco preconizado pelo autor. Almeida, Bíblia de Jerusalém e BLH usam "domínio próprio" ou "autodomínio", com exceção de Pé. Mattos, por ser a tradução da Vulgata. Todas as versões alemãs (Lutero, Zúrich) estão na tradição da vulgata, que usa "continentia" (= castidade). Na versão "King James" consta: "*self-control*" (=autocontrole).

mais manipular pelos meios de comunicação de massa/ como se fossem marionetes. Aquilo que é "também importante" tornou-se, para eles, inimigo daquilo que é o mais importante.

Essa capacidade de renúncia se comprova na vida diária como estrutura básica de uma vida com Jesus (2Pe 1.5/6; ICo 9.24). Um discípulo de Jesus pensa/ fala e faz muitas coisas novas, nas quais ele antes nunca tinha pensado. E, por uma alegria maior, é capaz de renunciar a algo antes indispensável (mas, reparemos que a maneira pessoal de alguém se conduzir jamais pode tomar-se critério para outros, e jamais pode ser apresentado como condição para a salvação - ITm 4.1-3!). Sua cobiça está sob o controle do Espírito Santo.

Esse poder para ser diferente com autoridade/ todavia, sempre de novo mostra como acontecimento espontâneo e que sobressai. No Novo Testamento, vemos que, sobretudo sob oração, por ocasião de tentações e decisões especiais, foi praticada uma renúncia temporária à comida e bebida, ao sono, ao falar e agir "normal", ao uso das faculdades sexuais, à dispersão e ao consumo (Mt 4.4; Lc 6.12; At 13.2; 14.23). Tal renúncia também aconteceu durante esforços especiais (Mt 17.21) e na tentativa do ouvir consciente da vontade de Deus (At 9.9; 10.30; ICo 7.5). Portanto, a renúncia não tem nenhum fim em si mesma. Dizer "não" para algumas coisas corresponde, em verdade, a dizer "sim" para fazer aquilo que engrandece a honra de Deus.

meios de comunicação de massa, para que não sejamos manipulados por espíritos estranhos. A mesma coisa vale para as questões económicas e políticas em nossa moderna sociedade industrial, bem como nas diversas ideologias que nos cercam. Tudo isso com vistas à superação das questões ético-sociais que, em parte, ultrapassaram o âmbito de experiência do Novo Testamento, ou não são tratados minuciosamente ali (questões de lazer, desemprego, movimentos emancipatórios e igualitários, alimentação, meio ambiente; ajuda a portadores de deficiências, e assim por diante). Edificação de comunidades no sentido carismático não é assunto esotérico de alguns interessados ou, inclusive/ o novo passatempo de alguns especialistas. Pelo contrário, depois dos caminhos tortuosos trilhados pela igreja nesta questão nos séculos passados, é hoje mais do que nunca uma ordem necessária deste momento da história da salvação, no singelo ouvir da Palavra e em obediência pronta para arrependimento.

3.5 Os Carismas Examinados Individualmente

3.5.1 Profecia (*propheteia*)

O Novo Testamento menciona expressamente alguns profetas (At 21.9-11: as quatro filhas do evangelista Filipe; Ágabo). Aqui nos deparamos mais uma vez - à semelhança dos grandes profetas literários do Antigo Testamento - com o elemento da predição do futuro, juntamente com a instrução correspondente e sob uso de um ato simbólico.

Os Dons do Espírito

Evidentemente, a profecia pode ter um componente visível e auditivo. Confira: Ananias - At 9.1 Os; Cornélio - At 10.3ss; Pedro - At 10.10ss; Paulo - At 16.9s; cf. At 9.3; 2Co 12.4; At 27.23s, talvez Gl 1.12 e Ef 3.36, especialmente Ap 1.1ss - "revelação" (ICo 14.26) - provavelmente é parte da profecia.

Realmente característico para o dom da profecia da Nova Aliança, porém, não é nem a visão do vidente, nem são as circunstâncias extraordinárias a acompanhá-la, mas a atualização da Palavra de Deus para dentro de determinada situação, atualização especialmente imprescindível no culto da igreja. O estudioso da Bíblia, De Boor, diz que profecia é "o equipamento de serviço absolutamente imprescindível para a missão principal da comunidade de Cristo no mundo: testemunhar de Jesus".⁶³ Pois esta palavra tem força reveladora e convincente perante pessoas que rejeitam a fé ou são ignorantes em relação a ela. Tem/ portanto, uma função missionária "para fora" (ICo 14.25). "Para dentro", porém, a profecia serve para a "edificação, a exortação e o consolo" (ICo 14.3). Sempre se trata de um reconhecimento ou visão por parte de determinadas pessoas e em determinadas situações, visão esta orientada na Palavra de Deus. E/ além disso/ trata-se também de uma orientação plena de poder que atinge os corações. Ela pode ser parte do anúncio preparado em silenciosa meditação sobre a Palavra de Deus, ou pode ser espontânea. Entretanto, ela

63 Werner de Boor, *loc.cit.*, p.35.

nunca é completamente idêntica a uma pregação/ mas é dom da graça em todos os setores e atividades de uma comunidade.

Em Rm 12.7, Paulo tenta evitar o perigo de excessos e degeneração desse carisma - assim formulamos inicialmente ⁶⁴ - usando a "analogia da fé"⁶⁵ (quer dizer, a profecia não deve ultrapassar a medida dada ao profeta)⁶⁶/ e em ICo 14.29 ele o faz com a ordem de o profeta enquadrar-se formalmente no desenrolar do culto. Toda a igreja deve vigiar a proclamação da Palavra de Deus. Ela tem que saber que a profecia não traz novos conteúdos de revelação, além da Sagrada Escritura.

3.5.2 Interpretações de revelações do Espírito (*diakriseis pneumatou* respectivamente *diakrinein*)⁶⁷

At 10 nos relata que, na passagem do cristianismo judaico para o gentílico, Pedro recebe uma reve-

⁶⁴ Mais adiante (no capítulo 4), como corretivo mais geral, retornaremos ao relacionamento de todos os carismas com *ágape*.

⁶⁵ Esta analogia da fé retoma a medida da fé do v.3 - veja O. MICHEL, *loc.cit.*, p.267. R. RIESNER (*loc.cit.*, p.18) concretiza essa orientação para prática comunitária.

⁶⁶ Pouco tempo depois, a "Didaquê" tem a seguinte formulação: "Nem todo aquele que fala inspirado é profeta, a não ser que viva como o Senhor. E assim que vocês reconhecerão o falso e o verdadeiro profeta. (...) Todo o profeta que ensina a verdade, mas não pratica o que ensina, é um falso profeta" (capítulo 11, versículos 8 e 10).

⁶⁷ G. Dautzenberg, em sua tese intitulada "Profecia cristã primitiva" (Stuttgart, 1975, p.122-148) provou convincentemente que *diakriseis pneumatou* deve ser traduzido por "interpretações de revelações do Espírito". Não se pode traduzir a fala

Os Dons do Espírito

lação visionária e auditiva chocante, sem saber, por enquanto, "o que esta visão significa" (v. 17). A certeza somente lhe vem quando Deus, por meio de uma nova mensagem clara, no contexto da chegada dos mensageiros de Cornélio e seu testemunho, abre-lhe a compreensão e o liberta para a obediência.

Reconhecemos aqui algo como um modelo básico daquilo que Paulo exige para o culto cristão (ICo 14.29): a visão/ respectivamente a profecia, deve ser interpretada "pêlos outros" (!) - portanto aplicada à situação concreta - que têm o dom adicional da interpretação. Por isso/ o dom da revelação profética (ICo 14.26) depende do concurso de cristãos com dons diferentes.⁶⁸ Isso preserva o profeta de soberba - pois possivelmente tem "apenas" a revelação sem interpretação. Além disso, preserva a

relacionada ao carisma profético em ICo 12.10 por "discernimento de espíritos", e em ICo 14.29 com "julguem" (cf. ARA). O sentido do dom complementar à profecia se revela adequadamente quando em ambos os lugares a expressão grega básica *diakrisis*, respectivamente *diakrinein*, for traduzida por "interpretação", respectivamente "interpretar". No contexto de ICo 12-14, não se trata de um carisma que prova e julga, como se estivesse acima de todos os outros, mas de um dom complementar de interpretação, que está relacionado com o dom da profecia, de maneira semelhante como o dom da interpretação do orar em línguas está relacionado à glossolalia (=orar em línguas) no culto (veja 3.5.6).

⁶⁸ Também O. MICHEL vê neste dom a continuação da tradição apocalíptica do processo de interpretação (Otto MICHEL, *Das Zeugnis des Neuen Testaments von der Gemeinde - O testemunho neotestamentário da comunidade* -, Giessen, 1983, p. 117s).

igreja de forma ampla de más interpretações subjetivas, ou até de reivindicações de domínio por parte de determinados indivíduos.

3.5.3 Ensino (*didaskalia*)

O dom do ensino "aponta para a preservação das tradições históricas e parenéticas ligadas à proclamação" .⁶⁹ Porém, não se trata de inspiração direta do Espírito, mas de interpretação objetiva da Bíblia, tanto a partir da exegese detalhada como de suas linhas básicas.

A marcha da história da igreja mostra o quanto é indispensável este dom. Todas as degenerações heréticas dentro ou fora das grandes igrejas constituídas, até a substituição da teologia bíblica por ideologias provindas puramente de ideias sociais-revolucionárias ou das ciências humanas, ou até as modernas religiões de colorido cristão, mas também até às petrificações em sistemas dogmáticos normativos dentro da escolástica ou da alta ortodoxia luterana, todas elas encontram *uma* justificativa importante no desprezo, em sua prática, da *didaskalia* bíblicamente sóbria, e, ao mesmo tempo, comprometida pneumaticamente. W. Barciay vai além (e isso se dirige aos próprios evangélicos!): "Se o movimento atual de conversão e de evangelização muitas vezes fica sem efeito duradouro, isso talvez se deva ao fato de desconfiar inclusive da mais remota abordagem racional de questões de fé, e que-

⁶⁹ O. MICHEL, *loc.cit.*, p. 267.

Os Dons do Espírito

rer apelar somente ao sentimento das pessoas (...). A igreja de hoje tem que pagar caro pela negligência do ministério de ensino".⁷⁰

Ensino e vida estão relacionados. Em caso de crise, no entanto, a *didaskalia* - que se orienta com-pletamente na Palavra, num compromisso crítico com os credos fundamentais da cristandade - pesa muito mais do que toda experiência de fé. O que Lutero disse a respeito disso ainda hoje é tão válido como naquele tempo: "Há uma grande diferença entre a doutrina e a vida. Pois, embora a vida seja má, ainda há recurso se a doutrina é pura. Pois ainda existe a luz, pela qual o extraviado pode orientar-se. Mas quando se apaga a luz, então tudo está perdido. Aí se anda na escuridão".⁷¹

O carisma do ensino certamente não consiste apenas na elaboração exegetica e dogmática de contextos bíblicos e conhecimentos isolados. Ele contém também um elemento pedagógico: o que é elaborado deve poder ser transmitido a todos de modo

⁷⁰ Em: W. BARCLAY, *Bekehrung im Neuen Testament* ("A conversão no Novo Testamento"), Wuppertal, 1966, p.37. Confira também citações da escritora inglesa Dorothee Sayers em "*Das grösste Drama aller Zeiten*" (O maior drama de todos os tempos), na BBC (compartilhado por O. Rodenberg):

"Asseguram-nos há tempos que as igrejas estejam tão vazias porque os pregadores colocam tanta ênfase no ensino, no enfadonho 'dogma', como se costuma dizer. Deixem-me dizer-lhes que o que ocorre é justamente o contrário: é a rejeição do dogma que toma as pregações tão enfadonhas. A fé cristã é o drama mais excitante que já foi oferecido à capacidade de imaginação humana. E exatamente no dogma é que ela é compreendida e apresentada como este dogma".

⁷¹ WA 47, 489s.

compreensível/ de fácil fixação e aplicável no dia-a-dia.

3.5.4 Feitos no poder do Espírito (*dynameis*)

"Poder" faz parte do "equipamento básico" dos discípulos enviados ao mundo/ o qual/ como poder de Deus/ opõe-se a todo poder satânico (Lc 9.1; 10.19; At 8.9ss). Mas ele somente se torna eficaz na união de fé com Jesus (Mt 9.14ss). Este "poder do Espírito Santo" - distribuído aos discípulos antes de Pentecostes/ evidentemente "só para aquele momento", no entanto, presenteado de forma definitiva para a época da igreja a partir de Pentecostes (At 1.8; cf. ITs 1.5; ICo 2.4; Rm 15.19; 1.16) - se concretiza de forma especialmente clara no dom de operações de milagres (ICo 12.10; 12.28; 12.29; Mt 7.22).⁷² O livro de Atos nos mostra "em ação" este dom especial para o testemunho dos cristãos (ressuscitar de mortos/ At 9.36ss; 20.7ss; exorcismo/ At 16.18; 19.12; prodígios, At 16.6ss; 28.3ss; ato de poder na execução do pleno poder de "ligar"- cf. Mt 18.18 -/ At 5.1ss; 13.10-12). O Senhor da igreja, evidentemente, concedeu tais feitos de poder sempre de novo nos momentos cruciais de seu Reino (missão/Comunidade perseguida) até na atualidade.

⁷² Em Mt 7.22, junto à profecia, encontram-se lado a lado o expelir de demónios e a realização de milagres. Em Mc 16.17 é citado o expelir demónios, além do poder de resistir ao veneno de serpentes, bem como outros venenos. O que aqui parece diferenciado, certamente Paulo reúne sob a designação *dinameis*.

3.5.5 Dons de curar (*charismata iamaton*)

Salvação e cura estão relacionadas. A doença está relacionada com a morte. Que Jesus venceu a morte, mostra-se de modo especialmente evidente/ em forma de sinal/ no carisma da cura. Esse carisma - como os outros dons - é dado a cristãos individuais. Dele deve-se distinguir o pleno poder de oração no caso de doença/ concedido a um grupo de presbíteros de uma comunidade/ quando o enfermo os chama e quando eles/ com toda franqueza/ incluindo a confissão secreta, eliminam toda a tensão pecaminosa entre os irmãos (Tg 5.13ss).

Trata-se de unilateralidade entusiasta e falsificação da mensagem bíblica quando a colaboração do médico é excluída por princípio (Cl 4.14; cf. Siraque 38.1ss; mas 2Cr 16.12!) ou se, em todos os casos, o doente é declarado fraco na fé ou sem fé [quanto a isso cf. 2Tm 4.20; ITm 5.23 (conselho médico!)/ Tg 5.14 - "ungir com óleo", a base fundamental de todos os remédios antigos].⁷³ Mas, este mundo, que está sob o juízo da enfermidade, precisa e recebe através da igreja de Jesus sempre de novo o sinal da cura de enfermos, como uma vanguarda do vindouro Reino consumado de Deus sem sofrimento e morte.

A formulação de Paulo é: "dons das curas" (duas vezes plural, para caracterização das múltiplas concreções! - ICo 12.9,28/30). Na tradição das

⁷³ Quanto a isso, de maneira ampla, confira obra recente: Jay E. Adams, *Befreiende Seelsorge* (Aconselhamento libertador), Giessen e Basel, 5ª ed., 1980, p.91ss.

palavras de Jesus consta "imposição de mãos sobre o enfermo" (Mc 16.18). O conceito usado por fim no texto original torna claro que se tem em vista toda a escala das fraquezas física e psíquica. Já na primeira fase histórica da comunidade de Jesus nos é desenhado o quadro do cumprimento da promessa de Jesus a seus discípulos (At 2.43; 4.16; 6.8; 8.6; 15.12; 2Co 12.12).

3.5.6 Oração em línguas (*gene glosson*) e interpretação da oração em línguas (*hermeneia glosson*)

Esse dom testemunhado no Novo Testamento⁷⁴ (ao lado de ICo 12-14: Mc 16.17; At 2.4ss; 10.46; 19.6;

⁷⁴ A constatação de que a glossolalia não é mencionada com mais frequência não nos deve levar, de forma alguma, a limitá-la à cristandade primitiva, aos "três irrompimentos históricos do evangelho em novos ambientes" (A. KUEN, *loc.cit.*, p.53s - em At 2 o Espírito Santo vem sobre os judeus e prosélitos, At 10 ele vem sobre os gentios, At 19 sobre os discípulos de João Batista), ou a algumas comunidades de missão pauli-nas. "Na exegese, deve-se utilizar o argumento do silêncio com muito cuidado (...). Com base no silêncio de muitos documentos neotestamentários, não se poderia muito antes concluir que as comunidades às quais tais documentos se dirigiram lidaram com o assunto corretamente?" (R. RIESNER, *Persönliche Mitteilungen, loc.cit.*, p.13). "É bom que nos lembremos que o ensino sobre a ceia do Senhor se encontra apenas nesta carta (aos Coríntios)" (D. WATSON, *loc.cit.*, p.71). Kari HEIM opina: "Na verdade percebe-se, quando se está bem familiarizado com a verdadeira história do cristianismo primitivo, que o falar em línguas de forma alguma foi um mero fato curioso. Pelo contrário, em todos os grandes despertamentos, o falar em línguas foi uma manifestação constante-mente presente (...). (*Die Gemeinde des Auferstandenen - A comunidade do ressuscitado -*, Munique, 1949, p.207, citado por R.Riesner).

Os Dons do Espírito

possivelmente Ef 6.18; Rm 8.26; Jd 20; e também Ef 5.19; Cl 3.16 = cf. ICo 14.15b!) é um orar, louvar, agradecer e cantar numa língua (ICo 14.2 singular!) que a pessoa não aprendeu com esforço pessoal e também (quando ele próprio não tem o dom suplementar da interpretação - ICo 12.10,30; 14.26ss) não pode e não precisa controlar com a razão. Justamente por isso, este "orar no Espírito"⁷⁵ é mais abrangente, porque sobrepuja a limitação do cantar e orar "na razão" (ICo 14.15). Paulo expressa o desejo -provavelmente em tom irônico - de que todos os crentes em Corinto (e não apenas um grupo de comportamento elitista, com pretensões espirituais de superioridade) pratiquem a oração em línguas, assim como ele mesmo tem e pratica esse dom (ICo 14.18); pois nem todos falam em línguas (ICo 12.28/30). E ele adverte contra a proibição da oração em línguas (ICo 14.39).

A glossolalia é o único carisma concedido preponderantemente para a edificação particular, pessoal do crente (ICo 14.4). No culto, ela somente tem lugar quando é interpretada imediatamente em língua compreensível. Caso contrário, não-iniciados e incrédulos iriam declarar os que a praticam completamente loucos, sobretudo se estes também ainda falassem todos ao mesmo tempo (como é provável que acontecia). Portanto, a oração em línguas se tornaria para os novatos bloqueio para a fé, ou mais ainda: sinal de endurecimento (ICo 14.22ss).⁷⁵ Mas

⁷⁵ E profundamente lamentável que W. TLACH, em seu artigo "*Biblische Orientierung*" (Orientação Bíblica), na "*Informationsbrief*"

justamente quando a oração e o cântico em línguas se enquadra disciplinadamente no culto⁷⁶, mostra-se que ela é tudo/ menos "falar extático".⁷⁷ Somente quando esse carisma não serve à glorificação de Cristo é que oração e canto em línguas se tomam um espetáculo exótico e extático, levando o praticante à emoção extática, um tipo de transe emocional. Esse dom, praticado na disciplina do Espírito,

nº 62, p.19, publicado pelo "*Bekennisbeivegung Kein anderes Evangelium*" (Movimento Confessional Nenhum outro Evangelho), partindo de uma exegese descuidada e falsa, chegue a um julgamento global depreciativo: "Os novos círculos carismáticos, nos quais se pratica o falar em línguas (de acordo com ICo 14.21-22, um sinal para os descrentes!) referem-se (...). Infelizmente, com isso Tiach assumiu um erro exegético pentecostal (veja D.e R. BENNET, *O Espírito Santo e você*, Erzhausen, 2ª ed., 1973, p.85).

⁷⁶ O que não acontece em círculos pentecostais extremos, que, por isso mesmo, estão abertos a influências demoníacas, à oração em línguas puramente carnal e só cristã na aparência, e ainda à alteração de substância (não mais oração apenas, mas também mensagem, cf. D. e R. BENNET, *loc.cit.*, p.86).

⁷⁷ Contra, entre outros, U. BROCKHAUS (*loc.cit.*, p. 103 e outros lugares), H. CONZELMANN (ThWzNT IX, 1973, p.395). Em Corinto se tratava menos de excesso de sentimento do que da negação, por meio de desordem e de orgulho espiritual, da paz presenteada em Jesus. Igualmente o deboche dos que se endureceram por ocasião do acontecimento em Pentecostes (At 2.13), os quais interpretaram maliciosamente as orações de louvor dos discípulos cheios do Espírito como sendo conversa de bêbado, também isso não pode justificar a classificação da glossolalia evidentemente espiritual como sendo "extática". - Não deveríamos nos deixar levar a posições preconceituosas por meio das práticas de determinados círculos pentecostais extremistas (degenerados) e nem ter essas falsas mani-festações em mente ao lermos o texto bíblico, assim o interpretando erradamente!

Os Dons do Espírito

certamente é "supra-racional", mas não "irracional".⁷⁸ "Os genuínos dons do Espírito (...) nunca nos tiram a liberdade humana nem impedem o uso de nossas capacidades conscientes. Nossa inteligência pode repousar (ICo 14.14), mas ela permanece desperta e lúcida".⁷⁹ Somente o culto pagão (ou, hoje, o culto pseudocristão de inspiração anímica - carnal -ou até diabólica!) faz com que se entre "em êxtase diante dos ídolos mudos", ou, na verdade, "arrasta" diretamente para eles (ICo 12.2). Entretanto, aquele que, em sobriedade bíblica, "possui essa aptidão, pode começar e parar quando quiser. Pode falar devagar ou depressa, alto ou baixo. A outra língua não irrompe de dentro dele, ela não é extática".⁸⁰

Um importante sinal em que se reconhece a autenticidade desse carisma é, entre outras coisas, o fato de ele permanecer uma inequívoca oração ou canto de louvor e, portanto, não assumir funções da profecia (análise, mensagens, orientações).⁸¹

Com os outros dons da graça, a oração em línguas não é nenhum espetáculo sobrenatural, visto

⁷⁸ D. WATSON, *loc.cit.*, p.70.

⁷⁹ A. KUEN, *loc.cit.*, p.57.

⁸⁰ S. GROSSMANN, *Wirkungen* (Realizações), Kassel, 2.ed., 1969, p. 71. Cf. também D. WATSON, *loc.cit.*, p.69: "Neste dom, se trata de oração em uma língua presentada pelo Espírito Santo. E aí não se trata nem de tagarelice ou balbucies, nem de expressão extática, mas de uma língua na qual o que fala é versado, como numa oração costumeira (ICo 14.15, 18)".

⁸¹ Como muitos pentecostais o fazem sem escrúpulos (por exemplo, D. e R. BENNET, *loc.cit.*, p.86).

que a glossolalia se encontra em algumas religiões como fenómeno psíquico ou de possessão demoníaca.⁸² Ela é uma qualidade da criação que o Espírito de Deus desperta e toma em serviço.

Praticado em obediência bíblica disciplinada/ tendo sido "conservado e praticado em seu culto particular através dos séculos"⁸³ por cristãos individuais/ esse presente da graça aprofunda o relacionamento pessoal de fé com Deus. Ele deve e pode (ICo 14.39) aumentar o louvor de Deus também na igreja.

3.5.7 Dons de governo (*kybemeseis/prohistamei*)

A primeira igreja tinha poucas instituições legais e as coisas ainda eram impulsionadas e movimentadas espiritualmente. Isso se reconhece nas diferentes designações para o carisma daqueles que/ entre os presbíteros da direção da comunidade (certamente ainda não na presidência!)/ estavam equipados para questões de organização e, sobretudo/ coordenação da assistência aos irmãos e às irmãs a eles confiados/ e isso até a administração da caixa.

Em Rm 12.8 (e ITs 5.12) o apóstolo denomina esses homens de "presidentes"/ "assistentes"/ em ICo 12.28/ de "timoneiros"/ "pilotos", "condutores" ("governos"/ como consta no texto de Almeida)/ ao lado de "especialistas em administração"/ "adminis-

⁸² Confira, quanto a isso, de forma extensa, A. KUEN, *loc.cit.*, p.58s.

⁸³ A. KUEN, *loc.cit.*, p.59. Nesse lugar, indicação de mais literatura a respeito.

tradores de caixa".⁸⁴

Nisso são interessantes duas observações: 1) Em ambas as listas de carismas, esses conceitos ainda não são títulos de ministérios/ mas caracterizações simplesmente emprestadas da vida associativa (presidente)/ da navegação (dirigir) e da vida bancária (tesoureiro). Eles se encontram ao lado dos outros que/ certamente/ de maneira alguma eram considerados importantes: o dom de presidir não tinha prioridade que/ em especial/ fosse objeto de cobiça⁸⁵;

2) Chefia e administração se baseiam com especial evidência sobre talentos que o carismático já tem antes de seu novo nascimento. Portanto/ o Novo Testamento não distingue entre dons naturais e sobrenaturais/ comuns e excepcionais/ ordinários e extraordinários.

3.5.8 Entregar⁸⁶ (*metadidomi/psomizo*)

Na carta aos Romanos (12.8) e aos Coríntios (13.3)/ Paulo usa diversas expressões para descrever um dom aparentemente discreto e/ contudo/ forte

⁸⁴ NOTA: Neste, e em alguns outros lugares adiante, o autor está levando em conta os sentidos dos termos a partir do texto original, no grego.

⁸⁵ Werner de BOOR escreve: "Foi crítica a aceitação, na comunidade cristã, da ordem vigente na sociedade e no estado, quando os 'dirigentes' na igreja assumiram os primeiros lugares e começaram a receber grande prestígio" (*Der erste Brief an die Korinther - A primeira carta aos Coríntios -*, Wuppertal, 1968, p.213, nota 11).

⁸⁶ NOTA: Em Português, os termos mais usados (inclusive na tradução de Almeida) são "contribuir" e "distribuir".

no testemunho: "comunicar"/ "distribuir" (a propriedade? - Rm 12), "entrega de bens", "entrega de vantagens" até a "entrega do corpo para ser queimado"⁸⁷, quer dizer/ até o martírio (cf. Dn 3.28; 2Macabeus 7; além disso, At 7.58; 12.Is., entre outros).⁸⁸

Onde está o Espírito do Senhor aí ha liberdade (2Co 3.17). Essa promessa e essa realidade valem para todos os reconciliados. Na comunidade de Jesus, porém, alguns são presenteados com a capacidade de viver de modo especial esta liberdade do que é passageiro, do que lhes foi confiado para este tempo no mundo - bens, hoje, sobretudo, tempo, além do próprio corpo. Também na entrega de bens acontece aqui auto-entrega (abnegação), e na auto-entrega os presenteados experimentam a realidade do doador de todas as dádivas. O coração de uma pessoa que se fechou a todas as palavras piedosas pode ser atingido, embora não procurado, através deste dom da graça, quando nele - e esta é sua medida de fé (Rm 12.3) - se toma perceptível a sinceridade altruísta, que é pura em seus motivos.

⁸⁷ NOTA: As versões Almeida Revista e Atualizada e a NVI traduzem por "contribuir".

⁸⁸ Digna de reflexão é também a tradução de A. BITTLINGER, *loc.cit.*, p.91: "Se (...) eu me entregasse para ser queimado como escravo" quer dizer, assumir vicariamente a sorte de um escravo para assim libertar outros (testemunhos cristãos primitivos em A.BITTLINGER, nota n° 77). Em todo o caso, a referência é à entrega por causa de outros (ou dedicação a outros): a primeira palavra para "dar" (*psomizo*) é "alimentar", "dar de comer", portanto "dar, para que outros vivam".

Somente no envolvimento da pessoa que recebe esse dom em uma comunidade concreta, e na complementação através de outros carismas, é que este dom do Espírito fica protegido de degeneração (soberba, contabilizações, etc.). Isso vale também e especialmente nos casos em que as coisas não se restringem à entrega de coisas e tempo, mas quando se trata de vantagens maciças, da carreira, sim, da própria vida. Aqui os irmãos à direita e à esquerda são indispensáveis, os irmãos que talvez sejam dotados com o dom da profecia ou com a capacidade para o discernimento de espíritos e com a palavra da sabedoria, para provar se e como a resistência e o sofrimento realmente são exigidos e podem servir para louvor e glória de Deus.

3.5.9 Fé que remove montanhas (*pistís* no sentido especial)

Ser cristão e ter fé estão relacionados. Isso vale para *todo* cristão. Deus presenteia fé, confiança, fidelidade (= *pistís*) como "bago inconfundível do fruto do Espírito Santo" (Gl 5.22).⁸⁹

Pistís como dom especial da graça/ entretanto, nem todo crente possui. Paulo reitera esse conceito mencionado na grande lista de carismas em 1 Co 12.9 na enumeração fragmentária de ICo 13.1-3, e o interpreta como "fé que remove montanhas", acolhendo diretamente palavras correspondentes de Jesus (Mt 17.20; 21.21; Mc 11.23/24). Sem ter em seu

⁸⁹ Veja em 2.5.7.

meio esta "fé" arrebatadora, exemplar/ que não se afunda em resignação nem mesmo em situações extremas/ nenhuma comunidade pode persistir enérgica e firmemente na diáspora.

Quem tem esse dom/ está próximo do profeta. O profeta vê o que está para vir e diz o que se deve fazer. Mas o crente que recebeu o dom da fé age e arrasta consigo para a ação/ como se aquilo que foi prometido por Deus e dele suplicado já fosse realidade (Mc 11.23: *Crede que recebestes, e será assim convosco!*). Certeza inabalável na fé impõe o que Deus ordena fazer/ decidida e calmamente/ contra a lógica e letargia humanamente limitada/ contra seduções e traição/ contra moleza e resistência/ e/ contudo/ pela *ágape* que caracteriza a atividade/ ela é claramente distinta de obstinação pouco inteligente.

3.5.10 Palavra de sabedoria (*logos sophias*) e palavra de conhecimento (*logos gnoseos*)

A lista de dons da graça de ICo 12.8-10 começa surpreendentemente com dois carismas que/ pelo modo de sua caracterização/ aparecem ligados um ao outro e que assim se distinguem de todos os outros: "palavra de sabedoria" e "palavra de conhecimento". Já o semitismo dessa formulação {*dobar hahochma, dobar hadaaf*} nos leva a pensar antes num pano de fundo veterotestamentário e judaico-apocalíptico/ e não em relações gnósticas.

Vários especialistas bíblicos evitam ou negam uma distinção entre "palavra de sabedoria" e "pala-

Os Dons do Espírito

vra de conhecimento".⁹⁰ Werner De Boor⁹¹ constata com razão que Paulo vê esses dons/ que para ele "se situam tão próximos um do outro"/ distribuídos a diferentes membros da comunidade. Esse autor designa a sabedoria com "a capacidade para perscrutar as tarefas práticas da vida e/ a partir de Deus/ encontrar os caminhos e as soluções certas para elas". A palavra do conhecimento ele associa "com a percepção profunda da verdade de Deus e do plano de salvação de Deus".

Com isso/ a "palavra da sabedoria" deve ser enquadrada na categoria da sabedoria proverbial do Antigo Testamento ou nos relatos bíblicos sobre decisões a partir do Espírito da sabedoria divina (Salomão - IRs 3.16-28; Jesus - Lc 10.20-26; mas também cf. Lc 21.15 com At 6.10!). A "palavra do conhecimento" dá à comunidade de Jesus/ segundo ICo 13.2/ participação nos mistérios de Deus/ quer dizer/ ela é introduzida passo a passo no respectivo período da salvação. No tempo da Reforma/ por exemplo/ a "justificação por graça" foi novamente descoberta e revelada/ no tempo do Pietismo/ o testemunho bíblico sobre a "conversão" e "novo nascimento"/ a vida na "santificação" e na "comunhão"/ enquanto que hoje contextos bíblicos até aqui despercebidos sobre edificação bíblica da comunidade

⁹⁰ H. LIETZMANN, *loc.cit.*, p.61, assume com toda segurança que "não [há] distinção precisa". H.D. WENDLAND se expressa assim (*loc.cit.*, p.109): "Não podemos afirmar se e como Paulo diferenciava um termo de outro".

⁹¹ *A primeira carta de Paulo aos Coríntios*, p.203.

e sobre a volta de Jesus em glória visível se destacam nos conhecimentos espirituais. O que se observa desse modo no aspecto global e regional, o Espírito de Deus sempre presenteia de novo também no ambiente menor da comunidade local para orientar seu caminho.

A caracterização desses dons como *palavra de...* é um indício de que não pode se tratar de acontecimentos rotineiros/ mas o "carismático da sabedoria" e o "carismático do conhecimento" devem estar especialmente atentos para a hora de Deus em que eles são requeridos.

3.5.11 Serviço (*diakonia*)

Em ICo 12.5, Paulo qualifica todos os dons do Espírito como "serviços" diferentes (paralelamente a isso como "dons da graça" e "feitos")/ caracterizando-os com isso como "dons para o serviço a outros". Apesar disso distingue, em Rm 12.7, o "serviço" (a "diaconia") dos demais dons como dom especial. "Diaconia como carisma é administração, ajuda e ordem espontânea a partir do poder do Espírito Santo. Em nosso mundo voltado à administração, ela é especialmente necessária, pois rompe com o egoísmo da burocracia, que só gira em torno de si mesmo, para servir a pessoas individuais".⁹²

Trata-se de ajuda competente em todas as questões importantes para o bem-estar do próximo, que não pode cuidar plenamente de si mesmo. Portanto,

⁹² S. GROSSMANN, *loc.cit.*, p.31.

serviço na área da assistência à infância e aos idosos, ajuda em assuntos de saúde, alimentação e repartições públicas, assistência competente como hoje a necessitam especialmente órfãos sociais, os acometidos por vícios e portadores de deficiências, ajuda para superar situações de conflitos ameaçadoras. Restringir a diaconia ao serviço de assistência ao enfermo está longe daquilo que encontramos no Novo Testamento como ação diaconal. Por exemplo, os sete diáconos cheios do Espírito, instituídos na igreja primitiva, devem assumir a assistência às viúvas (At 6.1ss). O samaritano, na parábola, empenha-se totalmente, incluindo o dinheiro para o tratamento e hospedagem, para possibilitar ao homem gravemente ferido e despojado a volta à vida normal (Lc 10.25ss). Tabita cuida de pobres, dá ajuda material e coloca sua aptidão de costureira a serviço da comunidade (At 9.36ss).

Evidentemente, toda a cristandade primitiva viu aqui uma ênfase de seu serviço de testemunho e edificação da comunidade, e de fato estabeleceu critérios de aptidão para a admissão ao diaconato, para os homens e as mulheres dotados com o carisma (dom) para tanto (ITm 3.8ss; 5.9ss).

Também na presente época - em que nos encontramos sob um Estado que assumiu muitas tarefas das quais antes nem cogitava e nas quais, na verdade, a comunidade cristã foi pioneira - permanece indispensável esta aptidão prática para servir no espírito do amor de Jesus. Sim, numa época em que a frieza e o egoísmo humanos se tomam cada vez mais

palpáveis, esse dom é mais necessário que nunca.

Também em IPe 4.11 *diakonia* é definida caris-maticamente (v. 10). Só que aqui - diferentemente de Rm 12 - são resumidos com esse conceito todos os serviços preponderantemente práticos e contrastados com os outros, preponderantemente ligados à proclamação da Palavra de Deus.

3.5.12 Assistência espiritual (poimênica): exortação e compaixão jovial (paraklesis/eleos)

Evidentemente, em especial dois conceitos carismáticos de Rm 12 abrangem, como que indicando a ênfase, o vasto âmbito daquilo que nós hoje designamos por "assistência espiritual": "admoestação" e "compaixão". Surpreendentemente, eles não se encontram lado a lado. No entanto, o crente solícito dotado com o dom de presidir e o dotado com o dom de contribuir (entregar) - as designações correspondentes Paulo coloca entre "admoestação" e "misericórdia" - não podem executar sua tarefa sem aptidão para a assistência espiritual.

Na época da cristandade primitiva, as coisas ainda não estavam solidificadas, petrificadas como lava antiga. As caracterizações, como vimos, ainda não são títulos; contudo, encontramos para os encarregados importantes na edificação da comunidade algo como "nomes de cargos firmemente estabelecidos"⁹³: apóstolos, profetas, evangelistas, pasto-

⁹³ E. STANGE, *Die Korintherbriefe* (As cartas aos coríntios), Stuttgart, 1948, p.79.

Os Dons do Espírito

rés, mestres, (cf. Ef 4.11). Ser "conselheiro espiritual" ainda não é "ministério", porém o dom e a tarefa correspondente decerto era da alçada do "pastor".

Em todos os casos, aconselhamento espiritual é "animar", "admoestar", "assistir", "consolar", "exortar", "interceder energicamente a favor do outro" (a palavra *paraklesis* tem o mesmo radical que "parácieto", a designação para o Espírito Santo em Jo 14.16,26; 15.26; 16.7).

Esse "animar" somente pode ser usado por Deus quando é, ao mesmo tempo, "ação compassiva" - a partir da experiência da fundamental compaixão salvífica de Deus (Rm 12.1!). Quando pessoas sem Cristo querem praticar a misericórdia a partir de si mesmas, resulta somente condescendência ou solidariedade afetada. E "conselheiro espiritual" legalista-casuísta não pode irradiar nenhuma bondade contagiante.

Mas "misericórdia" (compaixão) como carisma do conselheiro espiritual é ligada com "alegria jovial". Ela facilita ao oprimido que procura conselho o desabafo de tudo que o oprime, que lhe é penoso e a abrir mão de seu orgulho. Perante Deus existe somente a admiração alegre, agradecida.